



Maurício Fonseca

# 9. SINFONIE IN D-MOLL OP. 125

Inspirado pela obra homônima de LUDWIG VAN BEETHOVEN

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

# SINFONIA Nº 9 EM RÉ MENOR

MAURÍCIO FONSECA  
uma história inspirada por  
**SINFONIA Nº 9 EM RÉ MENOR**  
LUDWIG VAN BEETHOVEN

---

SÃO PAULO, SETEMBRO DE 2009  
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY MAURÍCIO FONSECA  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – [WWW.MOJOBOKS.COM.BR](http://WWW.MOJOBOKS.COM.BR)

---

# SINFONIA Nº 9 EM RÉ MENOR

## MAURÍCIO FONSECA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**

---



## SINFONIA Nº 9 EM RÉ MENOR

LUDWIG VAN BEETHOVEN

LANÇAMENTO: 1824

---

### MOVIMENTOS

1. Allegro ma non troppo, un poco maestoso
2. Scherzo: Molto vivace - Presto
3. Adagio molto e cantabile  
- Andante Moderato - Tempo I  
- Andante Moderato - Adagio - Lo Stesso Tempo
4. Recitativo: (Presto - Allegro ma non troppo - Vivace - Adagio cantabile - Allegro assai - Presto: O Freunde) - Allegro assai: Freude, schöner Götterfunken - Alla marcia - Allegro assai vivace: Froh, wie seine Sonnen - Andante maestoso: Seid umschlungen, Millionen!  
- Adagio ma non troppo, ma divoto: Ihr, stürzt nieder - Allegro energico, sempre ben marcato: (Freude, schöner Götterfunken - Seid umschlungen, Millionen!) - Allegro ma non tanto: Freude, Tochter aus Elysium! - Prestissimo: Seid umschlungen, Millionen!



# **SINFONIA Nº 9 EM RÉ MENOR**

**MAURÍCIO FONSECA**

# PRÓLOGO

O homem e suas grandes obras que atravessam o tempo. Assim a nona e última sinfonia de Beethoven é reverenciada pelo mundo. Uma vida conturbada, melancólica, vivida nas trevas da agressividade e uma paixão pela música e liberdade. Beethoven foi um gênio de uma época genial, do Iluminismo, o pai da modernidade, da Revolução de independência do que seria depois os Estados Unidos e finalmente da Revolução Francesa, marco do período que chamamos de Moderno e do fim do absolutismo e todas as barbáries da antiguidade.

Contemporâneo de Mozart que já era o maior compositor da Europa, Beethoven foi seu discípulo por um período curto de tempo. Depois passou pelo crivo de Haydn outro grande nome da música em Viena. Sua forma ríspida de tratar a vida se deve aos martírios sofridos na infância com seu pai ambicioso e austero. Ele, o filho mais velho de outros dois irmãos, antes dele, sua mãe tivera outros cinco filhos que padeceram e morreram de doenças congênitas. Isso ficaria evidente mais tarde quando a partir dos 35 anos o grande compositor e virtuoso instrumentista começaria a perder a audição; uma ironia da vida.

A partir daí o gênio de Beethoven teria de vencer preconceitos, usando de sua raiva, paixão e idéias como instrumentos para vencer o mundo. Apesar de tudo jamais chegou a duvidar do glorioso destino que a Europa teria com as revoluções. Era um republicano convicto, abominando a realeza e a nobreza, de quem Beethoven satiriza.

As esperanças morreriam em breve quando Napoleão se proclamaria Imperador e sairia pela Europa guerreando, enterrando os ideais franceses. Isso marcaria as óperas, sonetos e sinfonias do gênio, que deixou de herança ao mundo moderno inovações técnicas e melodias que se tornariam hinos na posterioridade.

A nona sinfonia fora composta quando já estaria totalmente surdo, mostrando sua capacidade além do normal de superação. Apesar da escuridão silenciosa que a vida lhe condenava não deixou que isso tornasse sua música rancorosa. Sempre tratou de falar do amor pela vida e da liberdade. Assim, a nona de Beethoven é uma ode a alegria — inspirada no poema do alemão Schiller. Beethoven passou dez anos para musicar o poema, criando uma inovação musical da época e do período nomeado de “Romantismo” do século XVIII.

Quando apresentada em Berlim pela primeira vez em 1824, Beethoven já idoso e doente, totalmente surdo, regeu a orquestra apesar de não poder ouvi-la. Os músicos estavam acompanhando o regente principal, mas alguns relatos encontrados pelos pesquisadores nos fala que o mestre regia apaixonadamente cada nota, como se pudesse tocar cada instrumento e cantar cada voz do coro.

Dividida em cinco movimentos, na parte final cantada por quatro vozes, duas masculinas e duas femininas (tenores, barítono, mezzo soprano e soprano) e um coro, que imerge o poema de Schiller. Sua representatividade na Europa tornara-se tanta que foi adotada como hino da União Européia. Acima de tudo, uma ode à esperança na vida. Fora este o legado maior de Beethoven certamente.



No texto a seguir, cinco atos, quatro personagens e o coral na voz da multidão dialogam através de monólogos para contar visões inter-pessoais sobre a Revolução dos mundos e novas Eras, já não tão novas assim, numa audácia teatralizada, típica das óperas e sinfonias.

# ALEGRO, MA NON TROPPO

## **BOBO DA CORTE:**

Senhoras e senhores abram suas janelas, pois o tempo quer passar. Nossos melhores carrascos afiam suas laminas em noites de luar. Não haverá um nobre para arrotar o frango assado do jantar de velas. Não sobrará nenhum pianista para tocar a marcha fúnebre. Eu me perco, nas idolatrias confusas de muitos séculos. A real felicidade não existe e se quiser saber, pergunte para um cego, ou um surdo, pois nossa percepção é falha. Meu tato com esse mundo é uma piada irrisória. Amanhã não terei de quem fazer comentários burlescos. E qual a graça do mundo sem os hipócritas? Não, definitivamente, a partir de então quero deixar de existir. Gêmeos nascidos nos braços da melancolia, sabem mais do que costumam nos dizer, já estão nesse mundo desde Abraão, e gargalham de nós — quero vê-los no inferno sim, todos lá, por que não?

A era da modernidade vai começar, o que vos espera? Quem deseja saber que procure a resposta no olhar profundo de um cego, clamem por nosso amigo Anton, o cego, aquele que nascera na madrugada sem a visão, e nunca antes viu o rosto de sua mãe e as dores do parto, as linhas do horizonte, os pastos e rebanhos, igrejas caídas e outras erguidas, e não precisou entender o que é o feio, o belo ou desprezível. Façam música, e despertem as crianças, preparem comida, acendam o fogo que dá vida para nossas sombras. Danton, o surdo, não pode ouvir a mais bela canção ou as bombas, a chegada de tropas, a foice

na garganta. Enterrem as tradições, brasões e ilusões — dê vida aos pesadelos, palmas para liberdade, igualdade e fraternidade – que o último rei faça seu pedido e sua refeição final, pois perderá vossa cabeça, e sua mulher, rainha não mais, seus filhos no exílio plantarão flores e cultivarão oliveiras, e a corte, enxotada na rua ao relento, com banhos de orvalho do dia florescido, da chuva nefasta; é o que lhes ofereço.

**ANTON:**

Terra nua, terra escura. Meus passos não posso saber. Pradarias verdes, não compreendo. Cores, formas e ângulos, completo desconhecido. Cego serei por todo meu sempre. Passarei os dias mergulhados assim, desordenado céu noturno vazio de estrelas. Meu mundo é feito de palavras com toques ou retoques. O que imagino saber são intangíveis teorias ou aspectos. Vivo a vida teórica — das palavras que os outros me falam. Uma árvore é um nada, não sei dela, como é, o que é, sei que existe, é áspera e grande. A própria aspereza é indeterminante. Minha imaginação é pouco fértil como a terra pedrosa que não brota flor.

Flores, só o perfume.

O dia e a noite. Não me pertencem. Não me permito contabilizá-los. Meu dia e noite — é a mesma coisa. Um cego é ver pelo nariz — cheiros. Meus olhos ficam dentro das narinas. E também na ponta dos dedos. Num esbarrão — ah, meus olhos estão em todas as minhas partes. Arrepio. Vejo que não me compreendes. Vejo? Força do hábito — mentira. Nunca vejo, sou cego de nascença — às vezes me pergunto, se eu mesmo não seria apenas um símbolo, uma palavra. Um eu...

**DANTON:**

Escute o silêncio? Não se faça indignado à toa. É tudo que tenho meu silêncio perpétuo. A vida é um movimento. Vejo bocas, braços, asas, galhos e folhas se movimentarem. Ondas do mar. Barcos à vela na baía. Silêncio. Sou um deus do vazio. Sequer compreendo meu próprio suspiro. Inspiro. Desejaria ter minha voz da consciência um dia me falando, mas só escuto um zumbido imaginado, quiçá um estrondo. Minha voz inexistente. Um ser sem voz, é um pássaro sem asas. Reconheço-me pelo espelho. Minhas idéias não se ecoam no ar. Penso que não sou real. Um homem precisa ter voz. Eu a tenho, mas você sabe que sim. Não me dou atenção exata. Uma voz que não se compreende. Qual o sentido de nossas palavras? As minhas? Tormentos. Anoi-tece, adormeço e sonho, com todos os barulhos e ruídos do mundo num volume astronômico. Ensurdecedor. Ao mesmo tempo imagine todos os sinais, vozes e tilintares de um planeta vasto num mesmo segundo, como uma grande bomba do tamanho do sol explodindo nesse instante. O dia pisca e desperto mais surdo do que antes e sequer posso lembrar os ecos. Nada sonoro foi preservado. Sou um astronauta do espaço absurdo. Cada novo amanhecer. Pesadelo.

**ANTON:**

E perdestes o sentido da vida, bobo da corte. Não terás um rei para animar. Mesmo tuas piadas estarem ultrapassadas, sendo-as do tempo medieval, ainda faziam aquelas cabeças reais, contudo, não mais. Agora entende o que é ser um cego. É não ter onde caminhar. Amanhã, eles virão. Os carrascos.

# MOLTO VIVACE

## **BOBO DA CORTE:**

Nem sempre fui palhaço dos palácios. Em outras vidas eu corria pastos junto aos rebanhos de braços abertos até a beira das colinas, aos meus campos verdes floridos. Éramos sós apenas, eu e o céu. Voava junto às garças, me sentia um homem com asas. Não sabia do que se tratava a vida em cárcere, por tal motivo quando menino abria todas as gaiolas que aprisionavam canários e pássaros pretos. E os ventos me aliciaram, deixei os campos na mocidade, rumei para lugares com mais luz e glamour. Vislumbrado. Perdi meus eixos e as asas, não sabia mais voar. Eu mordía firme a luxúria e ambição. Embriagado, nos abraços dionisíacos, fui seduzido por uma serpente. Truques. Verdade correta é que fui iludido. Esmolei nas ruas, debaixo de chuva fazendo graça com o pouco que me sobrara, quando ainda conseguia rememorar piadas infames que meu avô contava em noites de sábado. Isso me levou para um emprego num circo sem nenhuma graça, me apresentava por uns trocados e uma cama de palha com piolhos. Daí então foi num pulo, ganhei os palácios senhoriais, passei a vestir belas roupas, finalmente me tornava real — da realeza. Enganava-me novamente.

Percebo hoje, é claro, era o bobo da corte, riam de mim, não das piadas, mas meu desespero em querer ser. E quando não achavam mais graça alguma da minha tolice, me tiravam o almoço, se pouco divertido continuasse, me

retiravam o jantar, e ficava a pão e água, até que minhas paredes estomacais grudassem umas nas outras. Tortura da realeza. Hoje, cada cabeça real é um triunfo na terra. Elas não serão estrelas no firmamento de Deus. Se há um alguém acima, essas cabeças serão alimentos do diabo. Quem saberá. Ainda que minha cabeça esteja a perigo, ora, pois sou considerado nesse momento como membro da realeza — grande ironia da vida. Fui sim um escravo do ócio real. A justiça republicana não me parece confiável. Onde está meu advogado? E o juiz que irá deferir minha sentença. Então, repentinamente homens que se dizem representantes emanam de suas casas ao poder e sequer pedem-me para contar minha história oficial. O que vale nesse momento é me tirar da história — corta.

Sim, sou sujeito de muitas histórias, de muitas andanças. Se não querem saber de mim porque me levar para guilhotina? Por acaso minhas travessuras eram consideradas heresias no tempo do rei? Ah, o miserável em seu trono ria muito no começo. Até me concedia um frango assado com vinho no jantar. Eu era uma celebridade da corte. Que ilusão. Onde está meu gordo advogado, não o vejo, de repente, compreendo Anton o cego, parece que meus desejos estão cegados. Serei condenado sem ao menos repetir minha vida em voz alta. Dizem que no julgamento final podemos recontar nossa história. Somos ao mesmo tempo narradores e personagens. E ainda, temos a oportunidade de criar novos fins, mesmo os anjos serem conhecedores de tudo e todo universo distinto ao nosso entorno. Veja, esse julgamento é um despautério. Amanhã minha existência irá caber numa caixa de madeira. Viva a desesperança. Quero beber uma taça de vinho com Afrodite, deusa do amor.

## **O CARRASCO:**

Família tenho. Filhos também. Esposa. Carrasco beija sua filha na testa, a esposa na boca e parti pela madrugada. Levando a vergonha. Engole a fraqueza. Veste o capuz à surdina. São dois olhos trêmulos serpenteados. Lacrimejam. Afiam lâminas em becros desconhecidos, bem distante de olhos amigáveis. São proibidos. Gritam as novas sentenças. Embora tenham vindo para libertar; há muitas cabeças que não se deixam compreender. Cabeças por demais. É necessário fazer certos cortes. Ironias. Na hora do ato em si deve-se evitar o pensamento. A filha no berço. Os órfãos do depois do amanhã. Destino de carrasco é perder a cabeça na esfera da vida. Há um temor. Ninguém sabe nas redondezas o certo do momento. Qual lado ficar. Depois que a coroa fora decepada o tabuleiro sujo de sangue, a nobreza despejada, o povo se desloca em gritos e rugidos, mas não se conhece o caminho. Liberdade para todos, eles gritam desesperados. Estão perdidos e assustados; jamais admitirão. O rio Sena se avermelhou. Suas águas se tomam por sangue. O curso do tempo se modifica. Minhas janelas se abrem. A mudança é essencial, porque a história deve ser bela. As belas estórias de lutas são passos largos para o futuro. O rio dá seu recado, águas movimentadas, desde noite outrora. Repentinamente nos cantos populares, homens e mulheres vindos de muitas partes erguem tochas em favor da evolução. Não há mais quem queira pagar pelo desejo ou pecado alheio. Essas vozes se espalham pelo mundo, viajam o tempo, escorregam como areia do Saara entre os séculos, são palavras de liberdade e respeito, a multidão não se cala, não diante do seu próprio desespero. São filhos desgarrados de suas mães. Alguém deve dizer-lhes que a luta deles vai gerar apenas decepção.

Já os remanescentes do antigo poder receiam-se, agrupam-se em tocaias mal cheirosas. Eles temem a razão irracional, o paradoxo. Foi à razão senhora desta culpa. Foram idéias esparsas, ditas absurdas, “contra tradições”. Os mais velhos diziam, tradição é divino. Esbarravam na teimosia dos irredutíveis pessimistas — filhos da luz. Deitaram-se em noites insones, escreveram dezenas de tratados e ensaios, muitas velas queimadas em nome das futuras leis. É graças ao fogo do pensamento, as teremos. Na Paris do amanhã não haverá decepções contra seus patrícios de ontem. Um orgulho estará no sangue dos filhos. Viva à mobilidade social.

Eles, com lenços na cabeça, enxadas e dedos calejados, empunham armas. No leste uma revolução vermelha. Noutros cantos flores aos canhões da nova ordem. A primavera. Nos palácios muita angustia. Os novos senhores se apresentam como membros da plebe. O orador mor clama do parlatório central pela união das forças. O povo não derramou o sangue da nobreza por uma sede fútil. Querem vinho, o pão, e a glória aos filhos. As melhores uvas serão colhidas tão logo. Derramem a bebida de Baco em corpos incultos. O novo líder discursivo tão belo quanto às moças mais floridas. Ele constrói seu governo. E distribui oportunidades em nome das igualdades requeridas. Isso tudo ficará escrito. A multidão não morrerá por meia dúzia; nunca mais.

Num castelo distante através de uma janela outros já tramam descontentes. Desconfiados já observam novas oportunidades aos velhos braços deslocados. Sinônimos. Rangem os dentes. A ambição ainda é uma chave na fivela dos cavalheiros. Enquanto suas damas esposas morrem frígidas. Olhares maquiavélicos. Uma espera insuportável. Há política demais nesse mundo. Bons



tempos da chibata — diz um ressentido de sangue azul. Sentam-se mais tarde em lados distintos. Uma grande mesa, esquerda e direita, cada qual empunha seus argumentos. Rezam tradições inexistentes. Estão em risadas vergonhosas, parecem gralhas, e bebem vinho compulsivamente com os melhores trajes de Versailles. Dá-se início a diplomacia. A barbárie ficou para trás. Na cidade marcham perdidos. As multidões ainda exclamam palavras de ação. De cima assemelham-se aos insetos atormentados. Um cego enxerga bem melhor que esses pobres infelizes. Nas mesas de negociações dão-se ordens e já promovem novas execuções. A guilhotina não perdeu a função. A vida é uma linha frágil para uma lâmina com sede. Chamem os carrascos. E nós marchamos.

# ADAGIO MOLTO E CANTABILE

## ANTON:

Noite outrora via meus olhos refletirem desejos, ordens, motivações. Homens e mulheres ganhavam coragem desumana. Havia essa esperança na saliva. Um ânimo fervoroso. Grande fogueira no campo. No entorno bailam músicas regionais. Casais e solitários. Aproveitam uns para selar compromissos. Formarão novas famílias e dinastias. Fazem planos. A próxima colheita deverá ser produtiva. Desafios vindouros. Navios cruzando oceanos, dizem que pra lá da linha do horizonte, há terras de homens fortes, nenhum rei ou imperador. Promessas. Meu despertador grita — acorde miserável.

Viro-me, escuridão habitual. Relembro meu nome — é Anton, o cego. Fora outro maldito sonho — raras recordações. Uma venda plena. Escuto estrondos da cidade. Minha audição é uma façanha. Cavalos correm a léguas de mim. Estão apressados. Suspiro. E caminho com destreza, essa casa conheço com mãos e dedos, administro todos os segredos, sim uma casa tem muitos. Há de ter, a sua não? Veja melhor seu próprio reino. Não sinto falta de ninguém. O mundo tem muita gente, de sorrisos e jeitos ou trejeitos excêntricos. Há muita voz na boca do mundo. Calem-se um pouco. Sou de falar quase nada, digo nada por tudo que não posso ver. Eu falo com paredes pintadas com tinta preta. Inimagináveis. Escuto murmúrios, pois é Danton meu irmão. Digo-lhe algo irracional. Sento-me na varanda e fico observando. Ele me fala, retrucando — “está vendo o que

aí, a paisagem?”, gargalha, como se pudesse escutar a sua própria gargalhada — me faço de surdo então, também sou a favor da ironia. Jogos.

Pra bem lá das flores campestres, cavalos bradam ferozes, na cidade há de haver acontecimentos, chame Blanc nosso cavalo bretão e peça a ele que vá assuntar com os amigos equinos. E nos traga boas novas. À noite escutei rumores, sei de suas incapacidades. Somos uma muleta em sociedade. Você é meu terceiro olho. Vá Blanc e traga notícias. Traga também sementes de novas flores, pois nosso jardim está morrendo por falta de novidades. Não demore.

#### **DANTON:**

O vento me passou. Senti na pele. As flores do campo esparramam-se pelo ar. Como neve da primavera. Pequenos fragmentos de algodão. É lindo. Minha surdez não inibe minha confiança. O sol também é silencioso. Não escuto o trovão. Mas vejo os relâmpagos cortarem os peitos de deusas nuas. O ultimo rei está para cair. Será que o matarão? E teus filhos, dele. E tua mulher, a rainha, e tua corte — diga-me majestade. Oh, infelizmente não posso te escutar. O que será depois, novos reis ou senhores mestres. Aposentarão guilhotinas? Blanc se foi, em galopes desvairados. Ele corre como sinfonias. A terra treme ao passar dos cavalos selvagens. Tambores rufam. Posso sentir a pele arripiar. Bravo maestro. Destronaram também deus do seu altar. As enxadas não mais pagarão vossas bebedeiras. Nem meretrizes. Se eu pudesse pagava a soprano mais poderosa para gritar-me a nota mais aguda e estourar meus tímpanos. Canso-me do silencio que é tão claro quanto à rotina. Foi-me dado o trono do reino silencioso. Donde as águas fervorosas se calam. E tudo é calmo, mesmo diante

das tempestades vultosas. Descaso. Desculpe senhor, rezarei o terço. Estou sendo infiel. A raiva me pegou. Não posso amargurar meu coração. Perdão. Mil vezes lhe peço.

**ANTON:**

Tolo. Tolice. Deus é criação dos homens. Sou cego. Como poderei crer num deus que não verei jamais. Sou cego, sou Anton o ateu. A razão é nosso fim. Da terra serei. Depois do fim prefiro não existir. Basta-me todo fardo a carregar nessas décadas. Sequer posso ver meu rosto definir. Tampouco entendo o significado de um rosto. Escuto os trovões em noites tempestuosas e tão somente isso. Ser um cego é ver trovões freqüentemente. Sabe-se que lá existe no altíssimo degrau do céu, mas não se pode enxergá-los. É um saber descabido. Mas e o diabo? Já fiz um pacto. Ignorância. Estava perdido na floresta de araucárias. Meu cajado fora arrastado na correnteza do rio. Senti o cheiro do enxofre. É a serpente! Pensei, mas não falei em voz alta. Sussurrei. Meus pelos do braço arrepiaram. Só indaguei se minha alma tinha salvação. Não me respondeu. Então um galho caiu, abriu-me um caminho, senti o vento me guiar por minha nuca, como uma mãe lhe ajudando. Cheguei salvo em minha morada, tão logo, novamente a brisa traiçoeira me apartou e dessa vez cobrando-me, algum ritual — retruquei que não tivera me respondido a questão. Cheque mate. E os reis, se foram. Os peões dominam tabuleiros. A cidade está em chamas. Blanc meu cavalo preferido me cochichou. Pena não ter roubado sementes de girassol. Meu jardim é tão nublado. Ele chove imperfeições.

## **DANTON:**

E Deus tudo enxerga com olhos infinitos. Rezo por meus irmãos, meu irmão de sangue, um descrente cego, que deixa uma incerteza lhe dominar os passos desacreditando nas coisas da vida. Rezo toda manhã. Já conversei com anjos em minhas orações para que lhe estendesse as mais formosas imagens bondosas da vida, a cor do Sol, das águas do mar, das flores de girassol que ele tanto aprecia, dos cavalos libertos nos campos esverdeados da primavera. E da renascença italiana. E imagino que no interior dele também promova uma prece para algum deus ou espírito universal para que em meus sonhos possa eu ouvir a mais bela sinfonia, de violinos falantes e fraseados, que jamais poderei escutar. Que eu possa adormecer ouvindo versos poéticos em favor da liberdade, bem como o trovejar em finais de tarde nas chuvas de verão. E escutar os sinos da capela tocar em domingos ensolarados, o amém do padre, o aleluia da paixão. Tudo muito trivial. Essencial.

Vivemos essa troca infalível e destemida. Nossas idealizações se tornam muletas. Irmãos do sangue viemos ao mundo quase num mesmo instante. Uma prova sim, passaremos até o último suspiro de vida que nos restar. Por nossas janelas dessa pequena casa no alto da colina aos pés de um mundo imaginário, incompleto, porque vivemos na incompleta presença das coisas. Tudo em nós soa desfeito. Por metades. Somos metade, de tudo, de maçãs e abacaxis. Das frutas tropicais mais exóticas. E o mundo mundano continua a se desenrolar. Hoje todas as espadas escrevem capítulos. Não se iludam o poder apenas troca de mãos, alguém sempre lhe estende os braços e recebe de peito aberto. Já se faz tarde, a moeda jogada para a sorte e o vento carregou e não vingou. Há um

desolamento. Alguém desbancou a multidão. E retornam para suas coxias como bois e cavalos muito velhos, sem forças nas pernas e braços. A luta terminou. O tirano venceu. Sacrifiquem-nos.

### **O CARRASCO:**

Tenho a ti meu poder, por alguns poucos minutos sua vida me pertencerá. Sou dono de sua morte. No momento em que escondo meu verdadeiro rosto no capuz e me posiciono ao lado da máquina de matar, ganho a vida de muitos. Há um novo poder central. É o fim da revolução. Foi-me dada essa função. Tenho aqui sua cabeça, com ela irão suas idéias, fracassos, memórias. Suas piadas que um dia fizeram os risos das bocas mais cortejadas da cidade. Sinta-se vangloriado, porque levou o sorriso ao invés de dores. Há muita dor no mundo. Tenho em mim arrependimentos. Poderia ter sido também um bobo da corte. Quando criança fazia malabarismos com limões. Eu tinha certeza que viveria num circo, viajando por vilas e acampamentos. Não queria ser o carrasco. Meu nome é alguma coisa Carrasco. E deste nome todos os outros serão assim nomeados. Você me pergunta — “qual meu primeiro nome” — lhe digo, não recordo, não posso lembrá-lo, porque me envergonho. Meu primeiro nome é quase sagrado para mim, então diante de minha vida pecaminosa prefiro esquecê-lo. Não dizê-lo em vão. Daqui para sempre ficarão assim conhecidos àqueles que tiverem a vida do outro nas garras de codinome “carrasco”.

### **ANTON:**

O jogo de xadrez é mais simples do que se imagina. Um cego só percebe

morte e vida no tabuleiro. Mas a morte é um fechar dos olhos. O ultimo piscar da pálpebra. É quando se apaga uma vela num recinto. A morte para mim é uma companhia. Vejo-a todo dia. A vida é que não posso ver, deste modo o jogo sempre tem um lado somente. A única dialética vivida é da morte vida, morte morrida e matada. O Bobo da Corte um dia fora considerado um estorvo ao rei, agora ele é um membro da família real pelo ponto de vista dos revolucionários. Sua cabeça vale mais depois de embalado a coroa real. E esta já enfeita outra nova cabeça, daquele que veio do exterior. Um estrangeiro. Sim, de fora sempre se enxerga melhor. O estrangeiro abriu nossos portões, afiou sua faca, invadiu nossa morada, doutrinou nossas esposas, nossas tropas, se fez um imperador. Jantou nossa refeição. Diplomáticamente convenceu os líderes que em breve eles perderiam vossas cabeças. Todos eles concordaram sem reclamar. Nova dialética platônica entre a vida e a morte sempre se tem um cetro, o poder. E deus onde andarás, por acaso alguém o viu nos corredores do universo. Ah, quando criança queria vê-lo. Minha mãe antes de morrer contou todas as estrelas do céu. O que é um céu? Não tente me explicar por figuras de linguagem. A teoria é burra. Ela me falou que não perderia a conta embora os cavalos relinçassem no pasto o que podia lhe atrapalhar — ela terminou dizendo ter no céu naquela noite quente de verão mais de 100 estrelas. Foi mais longe que teus olhos, dela, poderiam viajar. Pedi-me para contar mais 98 cavalos no pasto e isso seria o tanto de estrelas. Imaginei o céu como o pasto de casa e as estrelas na forma de cavalos. Passo dias alisando Blanc meu cavalo bretão. Sei de seus contornos. Tão absurdo. E se Deus não existe tudo se pode. Mas e se amanhã o julgamento final me condenar por duvidar de sua existência — uma eternidade a mais no

escuro? Então, devo pedir perdão e ver sua luz? Se me fez cego na vida seria para testar uma fé vendada num mar de perguntas? Quantos dias a mais senhor? Deus é surdo como Danton.

### **O BOBO DA CORTE:**

Mate-me de uma vez Carrasco. Não, por favor, releve minha espirotuosidade tola. Não me mate, eu lhe peço encarecidamente. Devo ter alguma serventia nessa vida. Veja só, sou um pobre palhaço de circo que faz malabarismos com três limões e graceja mulheres numa perna de pau. Eu era o boneco da realeza, me jogavam moedas de ouro quando os fazia rir. E quando não, me cobriam de vaias, tomates podres e me deixavam na fome solidão. Minha cabeça aqui está. Tão próxima dessa lâmina afiada por Hefesto, mortalmente burra essa maldita máquina de matar. Daqui alguns instantes minha cabeça estará bem ali, ao meu lado, e descerá rolando essa escada como um vaso sujo de porcelana barata do oriente, até que algum empadecido cidadão a recolha e lhe embrulhe num véu guardando-a numa caixinha de madeira com desenhos trabalhados e algum poema singelo na sua capa. Não quero ver essa lâmina grega que pode cortar o ferro num segundo ou ousaria dizer é poderosa suficientemente para dividir em dois o Monte Olimpo de Zeus. Ai, porque será que a mitologia grega me deixa com lágrima nos olhos.

Ah, minha deusa Afrodite, bem que ti, linda de cabelos dourados e longos poderia me visitar como último desejo. Minha vida fora tão banal e entediada. Eu quis o glamour da cidade luz, estava enganado. Ela me engoliu com sua nobreza podre. Ah, o futuro eu posso ver agora, entre meu fim, outras grandes



torres imergirão na modernidade e cada pessoa será pequena demais diante dos gigantes espelhados. Até o sol se intimidará entre reflexos que ofuscarão nossos deuses pagãos. E amanhã, a humanidade escravizada entre paredes e muros, reféns de um medo desconhecido voltará para o passado e relembrar as revoluções, como atos e fatos teatrais, seremos e serei personagem, Carrasco, me mate de uma vez, entre para sua história e me deixe fazer a minha. Nós ganhamos as futuras páginas amareladas do maravilhoso novo mundo. Aos irmãos nascidos, o cego e o surdo, que dividem a mesma casa desde o sempre por entre conversas, rezem-me. Estou sorrindo, chorando, discursando, estou pronto.

# FINALLE PRESTO

## A MULTIDÃO:

Liberdade — viva a liberdade. Vivam-na. A liberdade fará os céus escorregarem os degraus da mortandade. Liberdade para os cegos, os surdos, aos incultos, pecadores, justiceiros e prisioneiros. Liberdade derramará todo sangue impuro, apagará orações de tábuas sacras, despencará os deuses de tronos. Liberdade por entre os cabelos dourados da razão. Vivam-na plenamente. Almas lúcidas se portam diante dela, com olhos afoitos por luz, velas queimadas por noites escuras resgatam seu fogo sagrado em dia de mil Sóis sorridentes. Anjos perdem suas asas e mergulham no vazio humano, cortam as nuvens e feito pássaros alvejados juntam-se à multidão. Nossa voz tem poder, a força de tremer, e romper os espaços. Somos muitos e quando despertamos, nem mesmo os dragões alimentados por demônios nos fazem estremecer. Temos a força de sete marés e de mares enraivecidos. A multidão não se esparsa jamais, mantém-se unida por braços elásticos infinitos, cordões umbilicais maternos, sangue no sangue, na saliva, nas idéias, no hálito face a face, no piscar das pálpebras úmidas de mil lágrimas. E se aglomeram os bêbedos sóbrios, velhas bruxas não queimadas, astrólogos, padres exilados, filhos e filhas deserdados, brancos e ruivos, mercadores, navegantes, solitários, cegos, surdos, mudos, músicos, gênios.

## **DANTON:**

Mantenho minha fé em ti senhor, presente no alto bem depois das estrelas pequeninas imensas de amor. E de suas mãos espero o acalento de pai em filho, que receberei um dia de minha partida, tão finalmente esperada, suada nesse árduo chão que piso por dias e noites, séculos atravessados, onde calcei minha esperança, amor, raiva e compaixão. Levanto minhas mãos a ti senhor e lhe entrego meus pecados, dos simplórios aos eruditos, de cargas pesadas e dolorosas, aos mais tolos e discretos. Da vingança que outrora permeou meu coração, aos surtos e abandonos. Como também lhe ofereço minha paciência em permanecer no silêncio conformado, na surdez diária e sensata, na iminência de haver sempre um eterno NÃO em meus ouvidos dilacerados. E ainda, meus pensamentos positivos ao próximo mesmo com a dor em meu corpo. E todas vossas palavras que nunca pude jamais presenciar nas sílabas e fonemas, dos mais singelos ruídos insignificantes que o sejam, impossibilitados à minha existência, dos sonetos e missas, sinfonias, operetas, do coral de vozes celestial, dos passos de uma mãe enciumada, de pai brincalhão, de um irmão em apuros. Das muitas risadas que não compreendi, de teus sons, o riso alegre, o frio, o intrépido, o colossal, o riso fácil, o escondido, o riso maquiavélico, astuto, indefeso, sensual, pacífico. Tanta fartura desperdiçada, desvivida, desventurada de mim, mesmo assim, que seja, estendi meus olhos para o alto e lhe aceitei e entonei meus versos mais formosos ao seu reino, meus olhos lhe testemunharam, fielmente. Eu ainda assim cultivei em mim a felicidade.

## **A MULTIDÃO:**

Nossa batalha deve mudar. Mudemos nossos passos e dêem as mãos, os amigos verdadeiros, pois só assim atingiremos a filha mais velha do Elíseo — a Alegria. E no santuário divino com riscos de fogo nos receberão. A verdadeira razão que fora antes perdida, mas que todos os homens a mantêm no coração, sendo o maior tesouro da humanidade a conquista de uma alma, e nunca a derrota de uma nação, uma alma pelo amor, o respeito de um amigo; quem já teceu essa linha se deixe embriagar nessa folia e quem falhou que chore sozinho num canto escuro. A natureza nossa morada esplêndida guarda o bom e o mau, nossa mãe que nos oferece a força do solo, que deste vem nosso alimento, o vinho pagão, o rastro de flores, que resgata a dignidade dos humildes. No esplendido céu, querubins estendem pétalas perfumadas ao Deus. Gritem irmãos, cantem os cânticos. Da alegria e formosa filha do Elíseo, por ébrios de fogos entraremos em teu reino, porque há milhões nesse mundo que se envergonham diante dele. Acima dessas estrelas deve haver um pai eterno, uma voz serena.

## **ANTON:**

Hoje uma obra genial vai nascer. Testemunhar-te-ei com meus olhos falecidos por entre as brisas desse outono ríspido, teimoso indelicado, sempre astuto ao adentrar pensamentos do alheio inquieto em silêncio exausto. Sou o descrente da vida que não pude apreciar. Um ignorante num mar, morrendo afogado cada dia e noite. Sinto minha hora final chegar, finalmente despertarei talvez, num último resquício de fé que me restou dessas muitas vidas por séculos, acordarei de um sono longo, esfregarei os olhos doutro lado e a luz ofuscará minha visão,

de um mundo belo, e todas as suas coisas libertas em harmonia. Não haverá reis e justiceiros, homens da lei e dizeres sagrados, não esperarão messias algum, tudo estará diante de mim, vivo e respirando. Último suspiro, se um Deus celeste dera-me ouvidos por toda minha existência — perdoai-me, minha falta de fé, minha razão incalculável. Mas cego por sempre fui, e enquanto estiver nessa condição darei minha reverência às coisas humanas, a beleza da música e as vozes da natureza. A contemplação das idéias. Nessa terra firme e áspera, sou o cego e serei incrédulo até minha morte. O depois, não me pertence, contudo, ainda assim fui feliz.

### **A MULTIDÃO:**

Alegria e formosa filha do Elíseo,  
Por ébrios de fogos entraremos em teu reino,  
Porque há milhões nesse mundo  
Que se envergonham diante dele.  
Acima dessas estrelas deve haver  
Um pai eterno, uma voz serena.  
Ode à alegria. E para sempre a Liberdade.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)